Jesus e as mulheres na perspectiva da Teologia Feminista Negra

Valdenice José Raimundo[1]

Resumo

Este trabalho tem como objetivos refletir sobre os diálogos que Jesus estabeleceu com as mulheres durante seu ministério e apontar a atualidade desses diálogos a partir dos fundamentos da Teologia Feminista Negra e da categoria de gênero. Entendemos que Jesus, em sua trajetória, considera e potencializa a experiência das mulheres, apesar do contexto de silenciamento e aniquilamento imposto pelo modelo de organização patriarcal. Sendo assim, podemos inferir que as interlocuções de Jesus com as mulheres podem ser compreendidas, como um espaço de questionamento das determinações produzidas pelo patriarcado.

Palavras-chave: Teologia Feminista Negra. Patriarcado. Gênero.

Introdução

Trazer para a reflexão de toda sociedade a questão das mulheres no ministério de Jesus nos lança para desafios extremamente importantes. Esses desafios nos colocam algumas indagações: Por que a invisibilidade/visibilidade das mulheres nos textos bíblicos? E por que essa invisibilidade se perpetua até os dias de hoje? Essas indagações nos lançam para outras, ainda, mais profundas: nesse conjunto da invisibilidade das mulheres, por que as mulheres negras são mais invisibilizadas nas pregações e estudos bíblicos?

Para uma aproximação ou tentativa de responder as indagações acima, precisamos entender que o sistema de dominação que invisibilizou a presença e ação das mulheres na bíblia, não permitindo sequer que às mulheres negras fossem apresentadas na sua particularidade racial é o mesmo sistema de

[1] Dra. em Serviço Social. Professora da Graduação em Serviço Social e da Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Raça, Gênero e Políticas Públicas. Contato: Valdenice.raimundo@unicap.br

dominação que tem ocultado a presença e ação das mulheres na atualidade. O sistema não mudou e tem o poder de se atualizar em conjunturas específicas.

1 As Mulheres no ministério de Jesus

Diante disto, entendemos que para compreender o ministério de Jesus numa perspectiva negra feminista, faz-se necessário a compreensão desse sistema que orienta uma interpretação bíblica que apresenta a mulher como aquela que é resignada e subserviente. Exige, então, uma releitura da bíblia e esta releitura nos dará elementos para um olhar diferenciado para compreensão da realidade atual da mulher negra, que muitas vezes, não é citada, mencionada e vista.

De acordo com Caldeira,

> a Bíblia é produto de uma cultura patriarcal e androcêntrica e que as interpretações dos textos bíblicos que são realizadas pela teologia oficial estão carregadas de pressupostos racializados e etnocêntricos. Por isso, o desafio da Hermenêutica Negra Feminista é desmascarar as interpretações tendenciosas e reinterpretar o relato bíblico na perspectiva do povo negro, nesse caso, da mulher negra (2013, p. 1190).

Neste sentido, nos apropriaremos da Teologia Feminista Negra, por reconhecer que ela nos abre a possibilidade de uma leitura provocadora de um novo olhar interpretativo sobre o texto. Uma intepretação que seja livre da influência do patriarcado, que é por natureza racista e machista, que se expressa através de um sistema de relações sociais, econômicas, políticas e ideológicas.

Nossa compreensão é corroborada por Saffioti (2004) ao apontar que o patriarcado tem uma base material e extrapola o espaço privado. Isso fundamenta a ideia de que a dominação do homem sobre a mulher não se restringe apenas ao espaço privado, mas aos diversos espaços, sendo os espaços religiosos, um lugar atravessado por esta lógica e que tem contribuído com a sua manutenção.

Entendemos que os espaços religiosos deveriam ser espaços de enfrentamento desse sistema[2], mas o que a realidade tem demonstrado é que as

[2] Temos assistido alguns espaços religiosos evidenciando narrativas que se contrapõem as que reforçam o patriarcado. Apesar do caminho de luta e resistência trilhado por essas pessoas, o que fica evidente é que a trajetória rumo à igualdade, ainda é muito longa.

leituras bíblicas ainda trazem elementos que terminam por contribuir com a opressão, violência, exploração e subalternização dos corpos das mulheres. Uma nova releitura exige uma hermenêutica, cuja interpretação traga para o centro à população negra, em especial, a mulher negra. Bem como uma mudança de perspectiva na compreensão do texto. Para a reflexão proposta neste breve estudo, tentaremos construir uma aproximação a duas mulheres que tiveram uma vivência importantíssima com Jesus.

Na tentativa de propor uma nova narrativa, ressaltaremos alguns pontos de duas leituras bíblicas, trazendo elementos que questionam ou confrontam as narrativas hegemônicas. Iniciaremos por João 4:1-41, no qual Jesus dialoga com a mulher Samaritana. A partir de uma perspectiva feminista negra, logo libertadora, vemos incialmente que Jesus a partir de sua prática nos oferece a chave para uma leitura que traz a mulher para o centro. Isso ocorre quando ele gentilmente lhe diz: dá-me de beber (v. 7). Ele fala com uma mulher e uma mulher samaritana, e isso causa espanto nos discípulos (v. 27).

Outros pontos importantes para uma compreensão do texto: Jesus tinha como chegar à Galileia sem passar pela Samaria, mas é justamente pelo caminho que atravessa a Samaria que ele decide passar; Jesus conhecia as razões que levaram os judeus a desprezarem os samaritanos, porém, isso não o impossibilitou passar pela cidade e dialogar com uma mulher daquele povo.

No que diz respeito à mulher, ela era conhecedora da tradição e das razões raciais, religiosas e políticas que os colocava em lados opostos, contudo não se intimida ao ser solicitada por Jesus. O diálogo entre eles traz possibilidades que a mulher não conhecia, mas que vai entendendo e passa desejar. "Senhor, dá-me dessa água para que eu não tenha mais sede, nem venha aqui para tirá-la" (v.15).

Carregar água era um trabalho duro e ainda é em pleno século 21 para muitas mulheres ao redor do mundo, para a quais, a água potável é um sonho desejável e disto a mulher de Samaria entendia muito bem. Jesus sabia da lida daquela mulher e a respeitou durante toda conversa, o que a motivou a ser sincera: Jesus diz: vá e chame seu marido e ela responde: Eu não tenho marido.

Nesta parte do texto é comum que as interpretações convencionais, apresentem-na como pecadora. A Teologia Feminista nos convida a suspeitar desta

narrativa que coloca a mulher de forma subalternizada, como aquela que fere a moralidade estabelecida e que precisa ser resgatada. Trazê-la para o centro é situar o contexto patriarcal e o que ele faz às mulheres.

Um texto do CEBI, de 2014, organizado para o Dia Mundial de oração, convida a suspeitar, como anunciado anteriormente, do que foi dito sobre a Mulher Samaritana e aponta para uma nova compreensão quando diz:

> Sabemos de outras passagens do Antigo Testamento, e do relato de Rute, que quando um homem casado morria sem filhos, era dever de seu parente mais próximo casar-se com a viúva. Seria provável que esta mulher tivesse sido forçada a aceitar seus esposos sucessivamente, ao morrer um em seguida ao outro. O homem com quem ela vivia na ocasião podia ter sido um parente próximo aproveitando dela, negando-se a legalizar o vínculo matrimonial. Mais que isso, ela poderia estar na situação de ser vítima de pecado em vez de pecadora. Houve pecado contra ela, em vez de ela haver pecado.

Esta leitura do texto bíblico retira a mulher do lugar de imoral e a coloca no lugar de oprimida por um sistema que privilegiava os homens em detrimento das mulheres. É para essa mulher que Jesus se revela: Eu sou o messias, o profeta esperado e é ela quem primeiro anuncia ao seu povo que ela se encontrou com um homem que sabia de tudo sobre sua vida. Sabia que ela não deveria ser rejeitada por sua raça, por ser mulher, por sua condição religiosa e social.

A outra mulher é Maria Madalena (Lucas 7:36-50//8:1-3). Maria Madalena é retratada como uma prostituta. Segundo Barros,

> o Evangelho de Lucas apresenta Maria Madalena como uma mulher de quem Jesus expulsou sete demônios ou sete espíritos. Na cultura judaica o número sete representa totalidade, plenitude. A partir dessa referência: "Maria, chamada Madalena, de quem haviam saído sete demônios ou espíritos" é apresentada Madalena (Lucas 8:2). Tendo por base as histórias e relatos sobre pessoas consideradas endemoninhadas na cultura religiosa da palestina do século I, as interpretações deduziram que Maria Madalena foi uma mulher curada de uma doença grave ou de uma história de total marginalização e opressão, uma vez que toda forma de doença ou sofrimento físico, psíquico, emocional ou espiritual era atribuído a espíritos maus. No entanto, não há nada nas Escrituras que sustente a ideia de que Maria Madalena foi uma prostituta, mas há suficientes referências bíblicas e históricas, que evidencia que ela foi uma mulher de poder econômico, livre e autônoma que não tinha nenhum homem que a tutelasse. Madalena, portanto, por ser uma mulher dona de si mesma com autonomia do seu corpo e da sua

> sexualidade, certamente pode ter sido considerada uma mulher perigosa, louca ou endemoninhada que ameaçava a cultura religiosa patriarcal do seu tempo (2020, p. 1).

Queremos chamar atenção para três questões postas pela autora acima citada: Primeiro, a possibilidade de Maria Madalena ter sido curada da sua total marginalização ou opressão. Segundo, ela ser uma mulher de poder econômico, livre e autônoma. Terceiro, há bastantes elementos que sustentam a ideia de que ela não foi uma prostituta.

Sendo assim, devemos nos perguntar, por que a insistência de apresentar mulheres importantes, de forma depreciativa, como carecendo ser fortalecida a partir de uma figura masculina? Precisamos apresentar Maria de Magdala como uma mulher que enfrentava as opressões do seu tempo. Ela foi citada 11 vezes nos quatro evangelhos, dada a sua importância. Uma mulher que teve uma experiência admirável e inaudita com Jesus ressuscitado, sendo enviada por ele para anunciar a ressureição, sendo assim, investida de função apostólica – "apóstola dos apóstolos"[3]

As duas mulheres acima são rejeitadas pela sociedade da época e são escolhidas para anunciarem o profeta que veio para mudar a história dos Judeus e Samaritanos, o Jesus ressuscitado, esperança para todos os oprimidos do mundo.

2 A atualidade da Teologia Feminista Negra

De acordo com LOPEZ,

> nós, mulheres negras, confrontamo-nos não apenas com o racismo e o sexismo da sociedade dominante e de suas estruturas patriarcais, mas nos deparamos, por um lado, com o racismo de um movimento feminista dominado por mulheres brancas e, por outro lado, com o anti-feminismo e o heterossexismo normativo do movimento negro, somos esquecidas tanto como negras, quanto como mulheres, por isso a teologia negra feminista latino-americana quer colocar as experiências das mulheres negras no centro (2005, p. 36).

É surpreendente que as opressões, subalternizações, vivenciadas pelas mulheres que caminharam com Jesus, se mantenham atualizadíssimas em pleno

[3] Afirmação presente no material do curso bíblico: Mulheres na história do povo de Deus, no módulo as discípulas de Jesus, oferecido pelo CEBI/2020.

século 21. Nos dias atuais, ainda precisamos colocar as mulheres no centro e, principalmente, as mulheres negras. Diante disto, concordamos com Pacheco (2016) quando afirma que a bíblia é um livro negro de hermenêutica branca. Precisamos questionar os fundamentos de uma hermenêutica, que não dialoga com a vida da maioria da população e, em especial, insistimos com a da mulher negra.

> Para os afrodescendentes do Brasil, fazem-se necessárias novas leituras. Que se conectem aos desafios dos pretos e das pretas. Isso inclui combater práticas racistas que se instalam na tradição e no cotidiano da igreja (e da sociedade também), problematizando toda forma de leitura que legitime a naturalidade de subalternizações dos corpos pretos e seus dramas (GUIMARÃES, 2018, p. 67).

Nesse sentido, a Teologia Feminista Negra é atual. Ela nos oferece chaves de leituras que consideram a experiência dos corpos negros oprimidos. O que é ser uma mulher negra, na sociedade brasileira que é extremamente racista? E o que é inadmissível é que, esta sociedade, ao mesmo tempo em que produz práticas racistas, as negam. Precisamos colocar em evidência todos/as aqueles/as a quem o sistema capitalista, racista e patriarcal tenta invisibilizar, ou melhor, tem invisibilizado. Só assim, poderemos contestar de forma concreta as opressões de um sistema perverso, que tem matado as pessoas negras. Chamamos atenção para os dados recentes, mostrando que as mulheres negras compõem 62% das vítimas de mortes por agressão no Brasil.

Não podemos falar da realidade que oprime os corpos pretos sem antes entender que ela é produzida pelo racismo estrutural, que se expressa nas instituições, nas relações coletivas e interpessoais. O racismo no Brasil é estrutural e estruturante das relações. Para Almeida (2018), o racismo estrutural não pode ser entendido como um ato isolado ou um contínuo de atos que sintetiza um acontecimento circunscrito às ações provenientes das instituições; é um processo legitimado historicamente e politicamente por um grupo que foi lançado à subalternidade, enquanto outro tem acessado privilégios.

Entendemos que se faz necessário assumir que, sem uma discussão séria de raça e uma releitura bíblica que coloque as mulheres negras no centro do debate, a situação de desigualdade contra as mulheres negras só aumentará.

3 Patriarcado, gênero, feminismo e as lutas das mulheres evangélicas

> É a mulher negra anônima, sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família, aquela que desempenha o papel mais importante. Exatamente porque, com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência, transmite a suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mas, sobretudo porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel – apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder. (Gonzalez, 1982, p. 104).

Já entendemos que o patriarcado impõe às mulheres uma realidade desigual. Nesse sentido, o movimento feminista no Brasil tem dado grandes contribuições para o enfrentamento e a denuncia dessas desigualdades. Uma das contribuições é, sem dúvida, a categoria gênero que segundo Cisne (2012), nasce atrelada ao movimento feminista, cuja ação política é a desconstrução do patriarcado e de seus valores.

O gênero traz consigo a possibilidade de lançar um novo olhar sobre a situação experimentada pelas mulheres. Para a autora acima mencionada, gênero é relacional, ou seja, a subordinação imposta às mulheres, só pode ser entendia na relação com o homem. Isso é corroborado com Molyneux (1987), quando afirma que a abordagem de gênero examina os papéis de homens e de mulheres e as relações entre eles.

Em relação às mulheres negras, segundo Raimundo *et all* (2006):

> A mulher negra sempre necessitou estar inserida na luta por melhores condições de existência e isto se dava através de diversas formas de organização, desde o período escravista, no pós-abolição e até os dias atuais, com organizações que nem sempre se acomodaram nos moldes formais, mas que sempre foram constantes.

A autora, acima citada, dialogando com Lélia Gonzalez, vai apontar que as feministas brancas com orientação progressista e, aparentemente, de esquerda negaram o significado da raça e seu impacto para as vidas das mulheres negras, além de que as brancas eram hesitantes em relação à discussão sobre raça por causa da sua própria cumplicidade com a dominação racial. Enquanto na superfície parecia que as mulheres brancas e negras poderiam se unir e lutar contra a

opressão comum a ambas, as diferenças entre elas em termos de experiências e lugares tornaram-se fontes de conflito e divisão dentro do movimento. É neste contexto que surge o movimento feminista negro.

Isso vai culminar no que Carneiro (2001) chama de dupla militância, que se impõe às mulheres negras como forma de assegurar que as conquistas no campo racial não sejam inviabilizadas pelas persistências das desigualdades de gênero, e para que as conquistas dos movimentos feministas não privilegiem apenas as mulheres brancas.

Considerações finais

A Teologia Feminista Negra, se orienta a partir das experiências dos movimentos sociais negro e feminista e da Teologia feminista. É nesse contexto de insurgência, que as mulheres negras evangélicas vão denunciar o racismo, entendido como pecado, por ferir o projeto de Deus para a humanidade.

Surgem, portanto, fortalecidos pela perspectiva da Teologia Feministas Negra, diversos grupos que lutam contra o racismo, sexismo e demais opressões. Dentre eles, destacamos a Rede de Mulheres Negras Evangélicas do Brasil, que recentemente lançou um manifesto, no qual expõe suas reinvidicações[4].

Concluímos reafirmando a atualidade da Teologia Negra Feminista, como caminho teórico e metodológico para compreensão e enfrentamento do racismo e das opressões nos espaços religiosos e eclesiais.

Referências

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARROS, Odja. **Madalena, uma mulher plena de corpo e espírito**! Disponível em: https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/madalena-uma-mulher-plena-de-corpo-e-espirito/ Acessado em: 04/08/2020.

[4] Ver: https://www.geledes.org.br/manifesto-2020-rede-de-mulheres-negras-evangelicas-do-brasil/

CALDEIRA. Cleusa. **Hermenêutica Negra Feminista: um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5-6.** Estudos Feministas, Florianópolis, 21(3): 496, setembro-dezembro/2013.

CEBI. **A Mulher Samaritana**. Preparado pelas Mulheres do Dia Mundial de Oração do Egito. 2014. Disponível em: https://cebi.org.br/biblia/a-mulher-samaritana-jo-41-41/ Acessado em: 15/10/2020.

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

GUIMARÃES, André. Jesus: exemplo de resistência e esperança para promoção de direitos e vida do povo negro. In: **Jesus e os direitos humanos**. São Paulo: Instituto Vlademir Herzog. 2018.

LÓPEZ, Maricel M. Sou negra e formosa: raça, gênero e religião. In: MUSSKOPF, André S; STRÖHER, Marga J. (org.). **Corporeidade, etnia e masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.** São Leopoldo: Sinodal, 2005.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (org.). **O lugar da mulher, estudos sobre a condição feminina na sociedade atual.** Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MOLYNEUX, M. Movilización sin emancipación? Intereses de la mujer. El estado y la revolucion: caso de Nicaragua. In: SOTO, N. et al. **En la transición difícil de la autodeterminación de los pequeños países periféricos**. Managua: Vanguardia, 1987.

PACHECO, Ronilso. **Ocupar, resistir, subverter: igreja e teologia em tempos de violência, racismo e opressão**. Rio de Janeiro: novos diálogos, 2016.

RAIMUNDO, V. J.; GEHLEN, V. R. F. ; ALMEIDA, D. P. S. . Mulher negra inserção nos movimentos sociais feminista e negro. In: **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 1, p. 1-8, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Editora Perseu Abramo. 2004.